

5. Considerações finais

O contexto apresentado de declínio das instituições, relativização dos valores e crise dos modelos de autoridade se reflete na realidade escolar de diversas formas, gerando uma realidade complexa que é preciso compreender e com a qual é necessário lidar. Diante de pesquisas que apontavam a dificuldade encontrada em relação ao manejo de classe no contexto atual, o estudo de caso mostrou-se fecundo para aproximação de uma realidade concreta, a fim de delinear alguns instrumentos utilizados na prática para a regulação dos alunos.

Como foi visto, não é possível estudar a complexa trama de relações do cotidiano escolar ao restringir-se apenas à sala de aula. A compreensão da escola a partir de uma visão sociocultural e as contribuições sobre o clima escolar tornaram possível uma visão mais ampla da realidade encontrada. A análise dos aspectos organizacionais mostrou-se fundamental.

A religiosidade, juntamente com a construção de valores claros, objetivos comuns que integravam a equipe, normas e regras escolares bem delineadas, uma representação positiva do aluno adolescente e a preocupação com o acolhimento deste foram aspectos fundamentais observados na organização escolar para a regulação discente. As decisões cotidianas apontavam para uma gestão não arbitrária, em busca de consensos e do bem comum, facilitando o manejo dos alunos a partir de uma ética construída com estes. O professor da escola integrava-se a um coletivo e não realizava um trabalho isolado. Todos estes fatores da organização escolar estudada formavam um clima positivo, dinâmico e propício ao processo de ensino-aprendizagem. Em consonância com as conclusões das pesquisas sobre escolas eficazes, foi possível perceber que os fatores facilitadores da regulação dos alunos não são distintos daqueles que propiciam maiores resultados em termos cognitivos e, quando presentes, parecem diminuir o esforço individual do professor.

A análise das práticas a partir deste estudo de caso trouxe ainda grande riqueza para pensar alguns dispositivos utilizados por diferentes professores para o manejo de classe. Muitos professores, nas entrevistas e práticas em sala de aula, apontavam para a necessidade de uma aproximação com o aluno adolescente, através do diálogo, da busca de participação, da diversificação dos instrumentos de ensino, da movimentação em sala, entre outros aspectos. Explicitando o desejo

de estabelecer uma relação de amizade com o aluno, foi necessário buscar a significação desta amizade, destacando suas peculiaridades. A diferença presente nos papéis de professor e aluno implicava em uma hierarquia, não arbitrária, mas justificada através de regras claras baseadas em princípios éticos que procuravam, a todo custo, compartilhar. É no equilíbrio entre a afetividade e o estabelecimento de limites que a relação se dava. O acolhimento e recepção ao professor, porém, variava de acordo com a turma. A diferença observada entre o 8º e 9º ano permite construir a hipótese de que a relação entre os alunos influencia diretamente na relação do aluno com o professor, o que está exposto também por alguns teóricos da literatura pesquisada. É fundamental, portanto, voltar o olhar para as relações estabelecidas entre os alunos, também por a escola exercer importante função de socialização e construção de valores, se considerarmos seu papel de uma educação ampla. A atenção à influência dos colegas da mesma idade preponderante na adolescência pode ajudar o professor na compreensão das atitudes dos alunos em sala. Muitas vezes, este necessita construir estratégias “extras” com os alunos para construção de autoridade, evitando uma confrontação. A realização de futuros estudos sobre a relação entre o grupo de pares pode trazer outras contribuições importantes para a prática de sala de aula.

Convém ainda destacar outro possível viés de pesquisa que aborde estratégias de regulação em outros contextos de ensino, sendo também particularmente interessante o estudo sobre a variação das estratégias de regulação de acordo com a faixa etária. Acredito que pesquisas com alunos de 6º e 7º ano, por exemplo, poderiam já apresentar conclusões distintas, assim como em relação a outras faixas etárias.

É fundamental, portanto, considerar o contexto da pesquisa realizada, de uma escola privada para setores médios e populares. Outros contextos devem ser pesquisados, podendo chegar a conclusões distintas. O estudo de caso apresenta limites e cabe ressaltar que a própria escola pesquisada com sua realidade dinâmica e complexa tem muito a ser desvendada, numa busca constante, ainda que os instrumentos de pesquisa utilizados tenham a finalidade de formular uma análise densa da realidade. Há também, no entanto, inúmeras possibilidades trazidas pelo aprofundamento em uma realidade escolar específica que, mesmo sendo singular, reflete outras realidades.

Diante das demandas para a formação de professores de aproximação da prática e de maiores conhecimentos sobre o aluno, seu mundo cultural e do manejo de classe, o estudo de caso traz grandes contribuições. Há indícios de surgimento de uma nova profissionalidade docente com ênfase nas competências relacionais e a análise das práticas constitui importante fonte para aprendizagem desta, ainda na formação inicial dos professores. É um importante passo para este profissional estabelecer boa relação com o aluno, de modo que este seja um parceiro e a grande motivação para lecionar, ao invés de encarado como problema para o professor. Tive a felicidade de encontrar no campo de pesquisa muitos professores que não consideravam os alunos como problema, mas, ao contrário, a relação estabelecida com estes que gerava satisfação profissional. Havia, ali, espaço para amizade, espaço para autoridade e para aprendizagem.